

## A OBSCENA SENHORA DE “FEVER-103”: HILDA HILST LENDO SYLVIA PLATH<sup>52</sup>

SUSAN C. QUINLAN (UNIVERSITY OF GEORGIA, EUA)

Para estabelecer de início minha intenção, cito uma passagem do ensaio de Jane Marcus (1989) que delimita parâmetros da minha discussão. Cito do ensaio “Alibis and Legends: the Ethics of Elsewhereness, Gender and Estrangement”:

My task is to understand the ethics of the woman writer’s elsewhere. For elsewhere is nowhere. It is a political place where the displaced are always seen and see themselves in relation to the “placed”. Dis/placement and difference as categories of political and gender exile from writing, speaking, and acting circulate around fixed positions in a substantial Somewhere (p.270).

Este é um trabalho sobre a novela *A Obscena Senhora D.*, publicada em 1982 pela autora brasileira Hilda Hilst. É também o início do estudo teórico “Dissidência e a Diáspora Feminina”, patrocinado pelo Centro de Humanidades da University of Georgia. Origina-se das diferentes direções que a crítica feminista tem tomado e das polêmicas que se desenvolvem no campo acadêmico em relação à cultura e às classes sociais. Este ensaio também é a afirmação de minha crença no direito feminista de se propor uma linha de pesquisa que toque na origem de uma abordagem crítica, embora eclética, que incorpora tanto argumentos culturais quanto essencialistas. Em outro estudo, denominei de sinerética esta abordagem da crítica feminista

---

<sup>52</sup>Este artigo foi traduzido para o português por sua autora e por Lauro Belquior Mendes, da UFMG.

escrita por (sobre) brasileiras<sup>53</sup>. Outros críticos falam de essencialismo estratégico (Fuss). Refiro-me à utilização de várias metodologias que pesquisam questões referentes ao gênero, à raça, à etnicidade e/ou à sexualidade como pontos fundamentais de uma análise literária feminista.

Há algum tempo, fui convidada para fazer uma conferência sobre "escritoras brasileiras" em uma outra convenção nacional, em que ficou explicitado que não deveria me ocupar de Hélène Cixous, ou seja, que não me orientasse pelas reflexões de autora francesa. Para mim, entretanto, os atos de "escrever o corpo" descritos por várias autoras francesas, como Luce Irigaray, Monique Wittig, Julia Kristeva ou a própria Hélène Cixous, se conjugam com noções recolhidas de Michel Foucault, Deleuze e Guattari, Gayatri Spivak, Diane Fuss e Terry Eagleton, todas referentes à centralidade de um território particular, aqui definido como espaço das mulheres que escrevem sobre mulheres ou sobre o "outro" lugar das mulheres. O posicionamento das mulheres face aos atos de leitura e escrita é tão importante quanto a recusa delas de definição. Como afirma Terry Eagleton:

The feminist analogy is exact: If women speak the discourse of the body, the unconscious, the dark underside of speech - in a word, the Gothic - they merely confirm their aberrant status: if they approximate like Wollstonecraft the language of radical rationalism, they are no different from men. Left political theory in Europe today is consequently divided between the rationalism of a Habermas, with his "ideal speech communities" of universal, abstractly equal subjects from whom all bodily inclination has been drained, and the anarchic particularism of the post structuralism, with their heady celebrations of delirium, pure difference, the fragment, flashes of libidinal intensity, against a rational totality now denounced as brutally totalitarian (34).

---

<sup>53</sup>Cf. Susan Quinlan, *The Female Voice in Contemporary Brazilian Narrative* (Peter Lang, 1991).

Como Eagleton posteriormente afirma, as mulheres não estão mais lutando pela liberdade de serem mulheres, e sim pela liberdade de serem independentes e inteiramente humanas. Isto é um ponto fundamental, as mulheres podem articular (dialogar diria Habermas) na parte essencial de sua "mulheridade." Cito novamente Eagleton.

Sexual politics, like class or nationalist struggle, will necessarily be caught up in the very metaphysical categories it hopes to finally abolish; and any such movement will demand a difficult, perhaps ultimately impossible double optic, at once fighting on a terrain already mapped out by its antagonists and seeking even now to prefigure within that mundane strategy styles of being and identity for which we have as yet no proper names. (24)

Creio que a questão não é mais saber se a escrita feminina está sendo marginalizada por sua sexualidade ou pelo construto cultural do gênero. É necessário considerar outras áreas de marginalização e começar tanto quanto possível não só identificar com, mas também responder a, estes estilos de ser mulher

Vista assim, a escrita de mulheres também se enquadra na categoria de literatura menor estabelecida por Deleuze: uma escrita que fica do lado de fora ou exilada do domínio da cultura dominante, desterritorializada e reterritorializada. Julia Kristeva denomina exílio a mais pura forma de dissidência. "How can one avoid sinking into the mire of common sense, if not by becoming a stranger to one's own country, language, sex, identity? Writing is impossible without some kind of exile" (Kristeva Reader 298)

Quero me deter na idéia de dissidência feminina para verificar se, realmente, ela estabelece uma forte ligação entre as culturas femininas que ultrapassem o que Daphne Patai, numa elaboração de uma idéia de Gayatri Spivak, discutira e negara como sendo a sobrecarga do ponto de vista feminino euro-americano. Naturalmente, este pensamento se refere exclusivamente ao frio ponto de vista

primeiro-mundista que se reduz a ver as mulheres unidas pelo gênero em alguma batalha comum que não pode tomar ou simplesmente não tomará outras categorias em consideração.

Quando se pensa no fato de que a análise literária é linguagem e que esta é usada para transmitir uma significação para o leitor, então é fundamental, em minha opinião, que todos os aspetos dos significados da linguagem produzam textos inteligíveis. Se eu desconstruo, faço comparações culturais, psicanaliso ou traduzo, não tem importância. O que verdadeiramente interessa é que eu descubra o significado em relação à minha própria experiência e o codifique para outrem.

Dissidência ou exílio, usados quando se fala de críticas textuais que capturam o que Jane Marcuse chama de "outro" lugar de escrita feminina,<sup>54</sup> ambos apontam para uma direção que atinge a muitas críticas feministas. Teresa de Lauretis vê a intraduzibilidade da palavra inglesa "gender" como uma correspondência internacionalista do ponto de vista do projeto de teorização de gênero, para não dizer universal (*Technologies of Gender*). Amy Kaminsky considera essa intraduzibilidade da palavra como um componente essencial das culturas românicas e, assim, impossível de ser comunicado (*Reading the Body Politic*). Partindo deste ponto de vista privilegiado, De Lauretis e Kaminsky consideram que as teóricas do primeiro mundo precisam compreender melhor os "outros" feminismos.

Entretanto, considerando os objetivos desta discussão, a aplicação feminista norte-americana da diferença entre sexo e gênero deve ser considerada não apenas entre vários instrumentos necessários, mas, com toda probabilidade, o único instrumento à minha disposição para realizar uma análise textual séria dos trabalhos de mulheres brasileiras que escrevem a partir de uma perspectiva educada e elitista e a partir de suas próprias experiências numa sociedade racista classista. É o único instrumento que permite aprender quando leio e me

---

<sup>54</sup>Marcuse fala do "elsewhere" que não é lugar nenhum nem todo lugar mas um lugar aparte.

permite transformar este aprendizado em matéria de ensino. Meu argumento é simples. Todas as mulheres são oprimidas. Elas podem ser oprimidas de formas diferentes. As formas de opressão e sua expressão cultural podem variar de uma cultura para outra, mas todas as mulheres agem numa sociedade dominada pelo machismo. Se olharmos apenas as diferenças, nunca chegaremos às igualdades. Se considerarmos apenas os pontos de semelhança, jamais chegaremos às diferenças. Afirmo que nenhuma discussão verdadeira segue uma lógica abstrata, o que me importa como crítica feminista, é estar alerta quanto às diferenças e às semelhanças e trabalhar a partir daí.

Assim, para meus objetivos, o gênero inclui todas as influências construídas culturalmente, influências que operam no nível do texto, enquanto o sexo se refere apenas a considerações biológicas referentes a uma constituição genética pré-determinada. Como estes construtos operam no nível do texto como significantes, em minha opinião, é o único conceito que posso esperar transmitir aos outros.

Quando falo de diferença de gênero ou problema de gênero, refiro-me a termos que incluem construtos político-sociais e culturais, como os que ocorrem nas investigações psicológicas do eu/self. Como o vejo, o exílio como forma poderosa de dissidência não é apenas "a question of difference which assumes the sexes are separate but equal: but of power, since in looking at the history of gender relations, we find sexual assymetry, inequality, and male dominance in every known society" (Showalter). Também sabemos que eliminar lutas de poder é o resultado visado tanto pela literatura como pela teoria. Evidentemente procurarei abordar tanto as semelhanças quanto as diferenças em minha análise da novela hilstiana. Partirei, entretanto, da premissa de que todas as mulheres são oprimidas.

Neste trabalho, me ocupei de alguns pormenores específicos da escrita de Hilda Hilst, que ilustra como crenças e idéias de mulheres, relativas à falta de poder expressa pela literatura, dirigem a atenção para acontecimentos contemporâneos, de caráter político. Particularmente abordarei o relacionamento de sexo e gênero como

expressão política da dissidência. Argumento aqui, como já o fiz anteriormente, que essas táticas subversivas são formas de consubstanciação que têm conseqüências políticas, quando expõem situações opressivas, familiares ou fascistas, por exemplo.

Para falar do exílio, comparo *A obscena senhora D* a um poema que a própria Hilst usa como introdução a uma das histórias de *Pieções*. Ela cita o poema "Fever 103" de Sylvia Plath:

*I am too pure for you or anyone.  
Your body  
Hurts me as the world hurts God. I am a lantern -  
My head a moon  
Of Japanese paper, my gold beaten skin  
Infinitely delicate and infinitely expensive.*

Esta visão mal compreendida do eu/self significa alguma coisa para Hilst e também para mim, e quero examinar o que possivelmente o poema diz a respeito de todas as mulheres.

Para aqueles que não têm uma leitura recente de *A obscena senhora D*, lembro a sinopse de Caio Fernando Abreu, que me parece excelente:

A história - se é que há história aqui - é simples: após a morte do amante, Hillé, a senhora D, se recolhe ao vão da escada, "um Nada igual ao teu, repensando misérias, tentando escapar, como tu mesmo, contornando um vazio, lembrando," em direção à própria morte.  
"...E o que foi a vida? Uma aventura obscena, de tão lúcida." No vão da escada de sua casa escura, essa senhora D nos contempla através dos buracos dos olhos das "máscaras de focinhez e espinhos amarelos" que costuma usar. Para falar "dessa coisa que não existe mas é crua e viva, o Tempo," para cuspir em nosso rosto a pequenez, a perdição humana, para dizer que "ninguém está bem, estamos todos morrendo." Enquanto se dissolvem no aquário peixes pardos recortados em papel.

Outro ponto de extrema importância diz respeito ao diálogo entre a sexagenária Hillé e seu amante morto, Ehud. É extremamente importante demonstrar como esse texto dialógico funciona como exílio a partir do conceito de linguagem. Precisamos focalizar questões como: Com quem esta mulher está falando? Quem é que responde às suas perguntas? O que é importante é a idéia de que este diálogo fala sobre a condição feminina sem uma especificação do espaço: mulheres de todos os lugares do mundo podem se encontrar nas palavras de Hillé

Hilst não escreve literatura engajada no sentido político da expressão. Sua escrita subverte, entretanto, a realidade, ao retratar um contexto atemporal que não se prende às contingências de mudança de poder. Parafraseando Léo Gilson Ribeiro, não é que Hilda Hilst esteja longe da miséria, da fome, das bofetadas no rosto, dos governos totalitários: antes a autora demonstra a busca de uma liberdade pessoal, que se situa numa realidade muito mais ampla, uma realidade plural: a dos seres humanos e sua solidão confinada a espaços mudos e distantes.

O que se torna então metáfora do político é o uso da palavra obscena. A protagonista sexagenária é obscena, suas ações são obscenas, sua morte é obscena. Tudo é obsceno porque a obscenidade é a palavra mais poderosa que a autora tem à sua disposição para enfatizar a importância da impossibilidade de vir a conhecer o outro - seja o outro lado do eu/self ou o próprio eu/self em relação ao mundo. Hilst reúne os dois sentidos de escatologia - *eskhatalogos*, doutrina do fim do tempo, e *skatologos* - natureza do excremento - a fim de reforçar a profundidade de seu questionamento e de sua necessidade de encontrar respostas para questões metafísicas. Para Hilst, Deus está inteiramente ausente do mundo ou se faz presente em tudo, como uma citação arrogante.

... sempre que te deitavas comigo, homem, a carne era inteira loucura e sedução, não enfiavas os dedos, o sexo, não sentias? sim, a vida foi isso de sentir o corpo contornado, vísceras, respirar, ver mas nunca compreender, porisso é

que me recusava muitas vezes. queria o fio lá de cima. o tenso que o OUTRO segura. o OUTRO. entendes? que OUTRO mamma mia? DEUS. DEUS. então tu ainda não compreendes? (p.29)

*"I am too pure for you or anyone"*

diz Plath e a senhora D observa:

Um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam senhora D. vamos falar do homem aqui agora. Que inteligentes essas pessoas. que modernas. que grande eu aceso diante dos movietones. notícias quentinhas. torpes. dois ou três modernos controlando o mundo. o outro saindo pelos desodorizados buracos. logorréia vibrante moderníssima. que descontração. um cruzar de pernas tão à vontade diante do vídeo. alma chiii morte chiii. falemos aqui agora.

Mas para a mulher no vão da escada. recortando peixes pardos de papel para colocar no aquário. estas imagens humanas e abstratas colocam mais perguntas do que respondem.

...secos como o sexo das velhas. molhados como o das jovens cadelas ... Deito sobre a palha no meu vão de escada. toco dentro das águas os peixes pardos. esfarelam-se. é preciso recortar os novos. talvez deva usar um papel mais encorpado para resistirem mais tempo dentro d'água. o mundo. ah porque não me colocaram uma crosta calosa. ao invés de uma carne uma matéria de fibras muito duras. e esticadas e tesas. essas cordas do arco. justapostas. ligadas. Jonathas e David fundidos. cordas de outra carne. massa imbatível e viva sobre Hillé. iria suportar a caduquice do mundo. o soco. a selvageria. a bestialidade do século. a fetidez da terra. iria suportar até. com Jonathas e David fundidos sobre a carne. as retinas cruas. as córneas espelhadas. as mil perguntas mortas. (p.12)

Se a protagonista está realmente dialogando com um outro - e aqui o outro significa tanto seu amante. Ehud. quanto o ato de estar

morto, ou na própria confusão de Hillé, uma representação de Deus - de onde estão vindo as respostas? Tudo se passa como se o diálogo específico ocorresse no exato momento da morte ou da transformação. Mas então por que aparece sob a forma de diálogo? Quem necessita ouvir aquelas perguntas e respostas?

*Your body Hurts me as the world hurts God.  
I am a lantern...*

esses doutos falantes, esses da filosofia, aí, devemos nos amar, Hillé, para sempre, eu te dizia: tu tens vinte agora, eu vinte e cinco, pensa tudo isso e não vai teremos cinquenta cinquenta e cinco, e vais ficar triste de teres perdido o tempo com perguntas, pensa como será aos sessenta, eu estarei morto.

por que?

causa mortis? acúmulo de perguntas de sua mulher Hillé ...

Por que me escolheu? Talvez porque no início pensasse que eu encontraria as respostas, e ele então saberia? (p.13)

O corpo só pode ser entendido como linguagem nestes contextos. O problema referente a tal interpretação hermenêutica da dicotomia corpo/linguagem repousa sobre a aparente inabilidade da autora para expressar exatamente o que ela quer dizer. A linguagem dada é insuficiente. Hilst é capaz de escrever através da experiência e não somente da experiência. Isto nos lembra a noção de Eagleton referente a uma literatura num processo de formação. Para tanto, ele recorre ao elemento erótico, entendido como fenômeno cultural, numa tentativa de transcender os limites da existência, numa espécie de impulso consciente. O que acontece é a transformação do erotismo feminino numa realidade erotizada ou numa expressão do eu/self feminino. Tal escrita é uma via sinuosa que não é fácil de acompanhar.

Hilst compõe um diálogo entre continuidade e descontinuidade como base de sua experiência erótica que pode apenas traduzir a dialética entre a vida e a morte, porque "o erotismo nos dirige à morte.

exatamente quando o que buscamos é perpetuar a vida, permanecer, continuar.”

O texto hilstiano, porém, não é o reverso das hierarquias dominantes (como poderia ser talvez a utilização de um narrador masculino) mas é sobretudo, um questionamento pós-feminista (quer dizer, meta-feminista) do poder.

*My head a moon  
Of Japanese, my gold beaten skin  
Infinitely delicate and infinitely expensive.*

A autora usa uma linguagem desterritorializada no nível-sintático: usando fragmentos, alinearidade, frases auto-referenciais, movimentos, insights, flashes e analogias. Os diálogos funcionam como meios para aprender o fluxo de consciência dinâmico. Esta ficção elabora seus personagens e situações num texto oralizado que envolve o leitor, na medida em que expõe o desenvolvimento da consciência em relação à morte. A instância autorial de Hilda Hilst frequentemente extrapola o passado histórico e as circunstâncias geográficas, mesmo se os personagens se movem numa atmosfera inegavelmente brasileira e usam um português que, dialeticamente, reproduz as falas de diversos extratos sociais. É este movimento além do específico cultural que apóiam as investigações críticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Broc, Mary Lynn & Ingram, Angela (eds.). *Women's Writing in Exile*. Chapel Hill & London. University of North Carolina Press. 1989.
- de Lauretis, Tereza. *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Bloomington: Indiana UP, 1987.
- Deleuze, Giles & Guattari, Felix. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Trad. Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1987
- , "What is a Minor Literature?" in *Kafka: Toward a Minor Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1986.
- Eagleton, Terry, Jameson, Frederic & Said, Edward W. "Introduction to Seamus Deane." in *Nationalism, Colonialism and Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1990.
- Eagleton, Terry. "Nationalism: Irony and Commitment." in *Nationalism, Colonialism and Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1990
- Fuss, Diana. *Essentially Speaking: Feminism, Nature and Difference*. New York: Routledge. 1989.
- Gluck, Sherna Berger & Patã, Barbara. *Women's Word: The Feminist Practice of Oral History*. New York & London. Routledge. 1991.
- Hilst, Hilda. *A obscena senhora D*. São Paulo: Massao Ohno. 1982
- Kaminsky, Amy K. *Reading the Body Politic: Feminist Criticism in Latin American Women Writers*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1993.
- Kristeva, Julia. "A New Type of Intellectual: The Dissident". New York: Columbia UP. 1986.
- Marcuse, Jane. "Alibis and Legends" in *Women's Writing in Exile* in Mary Lynn Broc & Angela Ingram (eds.) Chapel Hill & London: Routledge. 1991

- Patai, Daphne. "U.S. Academics and Third World Women: Is Ethical Research Possible?" in *Women's Words: The Feminist Practice of Oral History*. Sharon Berger Gluck & Daphne Patai (eds.). New York & London: Routledge, 1991.
- Quinlan, Susan Canty. *The Female Voice in Brazilian Contemporary Narrative*. New York & Bern: Peter Lang, 1991.
- Ribeiro, Léo Gilson. "Apresentação" in *Pieções*. São Paulo: Edições Quirón, 1977.
- Showalter, Elaine (ed.). *Speaking of Gender*. New York & London: Routledge, 1989.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. *In Other Worlds: Essays in Cultural Politics*. New York & London: Routledge, 1988.